



## ANALOGIAS SOCIAES

( CONTINUAÇÃO )

### *Sciencias de constituição.*

As sciencias da vida têm o nome de Biologia (sentido lato) tendo a dos seus factores o de Darwinismo, a de evolução o de Biogenia ou Phyllogenia e a de constituição o de Biologia (sentido stricto).

A materia que já está assim differenciada nos pontos de vista geraes, de orientação, de methodos, de principios está ainda confusa nos pontos de vista especiaes á cada uma dessas sciencias da vida, nos conceitos dos espiritos retardatarios (inimigos da evolução) e sobre tudo nas opposições das velhas orientações, nas contradicções com as divisões classicas da vida, e nas incoherencias com a orientação logica geral das classificações de sciencias.

Assim o classico criterio da maior differenciação vital, a motilidade nervosa, ainda que tão confuso nos rudimentos da vida que Hœchel foi obrigado á separal-o dos seus desenvolvimentos perfeitamente assim caracterisados positiva ou negativamente, e á formar o reino neutro dos Protistas, ainda continua á dar a maior differenciação scientifica da vida : a botanica e a zoologia.

Assim ainda Spencer por ex. que tem concorrido muito para a differenciação (das sciencias) dos factores e mais que todos para a differencia-

ção (das sciencias) da evolução, tem influido bastante para a confusão das sciencias de constituição com as sciencias de evolução, agrupadas todas na sua cathegoria de sciencias concretas; e em biologia especialmente depois de Darwin fundar a sciencia dos factores e Hœckel a da evolução, elle continua á confundir as tres sciencias. Sua divisão ideal da biologia em stuctura, funcção e genesis, e sua divisão pratica em *dados*, inducções (darwinismo), *morphologia*, *physiologia* e *genesis*, são provas disto. Mas em Hœckel, o maior philosopho da biologia actual, a orientação é perfeita, os methodos são diferenciados, os principios distinctos são comparados e postos em auxilios reciprocos, numa harmonia grandiosa e deslumbrante.

O criterio philosophico da substancia e attributos que actualmente tornou-se de força e materia nos *cosmos*, de stuctura e funcção na vida e que sob qualquer dessas tres formas tenta invadir as sciencias do espirito e da sociedade, dá a primeira divisão da biologia (constitutiva), em *morphologia*, de stuctura e *physiologia*, de funcção.

Criterios methodo-logicos subdividem esses ramos em galhos etc. Assim a *morphologia* subdivide-se em *embryologia* da formação do individuo e *anatomia*, da stuctura do individuo já formado, que subdivide-se ainda em *histologia*, das *cellulas* e *tecidos*, *organologia* dos orgãos, *systemas* e *apparelhos*; e sob outro ponto de vista ainda em *geral*, das formas fundamentaes e derivadas, e *especial*, da reunião dessas formas. Assim tambem a *physiologia* divide-se em *vegetativa*, *animal* etc. Uma divisão importante nos pontos de vista praticos é a da *physiologia* em *normal* e *pathologica*. Finalmente agrupam-se esses ramos ou galhos em *espheras limitadas da vida no espaço*, dando em resultado cousas as

mais diversas, anthropologia, antropotomia, zoologia, zootomia etc.

Mas tudo isto é muito secundario e suas applicações á sciencia social só podem ser admittidas depois de applicaveis os elementos principaes das sciencias da vida. Procuremos-os.

Höechel dá-nos o meio de illucidar mais a materia. Tratando de subdividir a biogenia propõe a differenciação maior em ontogenia e phylogenia ; em cada uma dessas sciencias as differenciações medias em morphontogenia e physiontogenia, em morphophylogenia e physiophylogenia ; e em cada uma dessas divisões as differenciações menores em histogenia, organogenia, prosopogenia e cormogenia, e em histophylogenia, organophylogenia, prosopophylogenia e cormophylogenia. A mesma rasão methodologica ha para se fazer as mesmas divisões em biologia constitutiva, principalmente porque a embryogenia de Höeckel, historia do desenvolvimento do individuo é para a sciencia geral (Gegembaur etc.) mera genesis do individuo.

Ha porem um criterio junctamente methodologico, natural e evolutivo, que considera esses ramos da biologia (constitutiva) sob dois aspectos differentes, *simples* dos caracteres totaes do individuo ou especie e *comparado*, dos caracteres communs á um grupo considerado, genero, familia, tribu, ordem, classe, reino. A morphologia torna-se então a sciencia da substancia material, das diversidades das formas do corpo e de suas partes ; e a physiologia a sciencia das manifestações do corpo animal. analyse elementar dessas funcções e sua explicação segundo leis geraes (Gegembaur cit. pg. 3). A anotomia comparada deduz das bases da descriptiva, as noções scientificas que transforma por inducções em conclusões scientificas (id. pg. 5).

Esse criterio iniciou-se methodologicamente, comparando os individuos exteriormente, dando em resultado analogias vitæes, a classificação das vidas por essas analogias e a theoria da uniformidade de plano da natureza vivente. Foi o systema de Linneu.

Passou logo porem do methodo ás affinidades naturaes, comparando os individuos interiormente, dando em resultado as homologias vitaes, a classificação das vidas por essas homologias, mas affirmando ainda a theoria da uniformidade de plano da natureza vivente. Foi o systema de Cuvier e De Candolle.

Passou finalmente das affinidades naturaes exclusivas á essas affinidades determinadas pela communitade de origem, accrescentando as analogias e homologias anteriores, as transformações evolutivas, mudando as classificações artificiaes e exclusivamente experimentaes para classificações experimentaes e genericas; e o que foi maior ainda substituindo a theoria da uniformidade de plano da natureza pela theoria scientifica da descendencia ou melhor aqui do parentesco por descendencia. Foi o systema concebido por Maillet, seguido por Lamarck, Goethe, Oken etc e actualmente por Gegembaur, Huxley, Hœchel.

Ha porém dois pontos duvidosos que precisamos accentuar aqui para proseguirmos em nosso estudo de sua applicabilidade á sociedade: 1) a morphologia, a physiologia e a embryologia mais profundas, actuaes, comparadas, geneticas, são sciencias constitutivas ou evolutivas; 2) a biologia comprehende a psychologia?

Ha na vida alem do elemento de causalidade o de constituição e o de evolução, perfeitamente distinctos. A razão de sua confusão é a accumulção de constituições e evoluções nas subdivisões da biologia (restricta) na morphologia, phy-

siologia e embryologia e nas subdivisões da biogenia, na morphogenia physiologia e embryogenia ; mas isto não procede.

Assim como ha uma theoria dos factores das plantas, uma dos factores dos animaes e uma dos factores dos protistas, que todas reunidas formam a theoria dos factores da vida, assim tambem ha uma theoria dos factores da structura (da morphologia), das funcções (da Physiologia), dos germens (da Embryologia). Assim como ha uma theoria da evolução das plantas, dos animaes, dos protistas, que reunidas formam a theoria de evolução da vida, assim tambem ha uma theoria de evolução da structura, da funcção, do germen, que reunidas ainda formam a mesma theoria de evolução da vida. Assim como ha uma theoria de constituição da planta, do protista, do animal, que reunidas formam a theoria de constituição da vida, assim tambem ha uma theoria de constituição da structura, da funcção, do germen, que reunidas formam ainda a theoria de constituição da vida. São dois aspectos da mesma materia.

Em synthese Morphologia, Physiologia e Embryologia têm aspectos de factores, de evolução e de constituição, como esses tres aspectos têm a Phytologia, a Zoologia e a sciencia dos protistas ; e tanto é assim que o proprio Hœchel distingue o aspecto evolutivo da Morphologia pelo termo Morphogenia o da Physiologia por Physiogenia e da Embyologia pelo de Embryogenia.

Deixando de lado o elemento causatil dessas subdivisões da biologia (lata) sobre que não ha questão, parece-nos, o elemento constitutivo é a comparação das vidas actuaes, e o elemento evolutivo é a comparação das vidas passadas (actuaes ou não) sob o subsidio geral da theoria dos factores (darwinismo). O primeiro elemento caracteristico da morphologia, physiologia e embryolo-

gia comparadas foi o estudado por Cuvier e von Baer nos animaes\* e De Candolle nos vegetaes. O segundo elemento caracteristico da morphogenia, physiogenia e embryogenia é o estudado por Hœchel.....

Já em Cuvier completam-se um pelo outro, o que consummou-se em Hœckel ; elles são perfeitamente distinctos. O elemento constitutivo não obstante ir completar-se no evolutivo estuda a vida nas suas manifestações actuaes ; e o evolutivo, não obstante ir completar-se no constitutivo estuda a vida nas suas manifestações successivas. As sciencias de constituição da vida fundam-se na comparação, ao passo que as de evolução fundam-se no darwinismo. O elemento evolutivo é hoje o mais recente e importante e por isto ameaça absorver o constitutivo ; mas sem elle não pode subsistir, como o alicerce do seu edificio que é. Entretanto o proprio Hœckel parece deixar-se levar assim por esta preferencia.

« Desde muito tempo esses dois ramos principaes da *Biologia*, a morphologia e a physiologia se têm separado e seguido cada um um rumo differente. Isto é muito natural porque elles não têm mesmo fim nem mesmo methodo. A morphologia ou estudo das formas visa a comprehensão scientifica das formas organicas nas suas relações exteriores e interiores ; ao passo que a physiologia no estudo das funcções organicas busca conhecer essas funcções ou os phenomenos da vida. Não só ella não é servida pelo methodo comparativo que permite á morphologia obter os maiores resultados mas ella despreza absolutamente a historia do desenvolvimento.... Graças a anatomia comparada e a biogenia, a morphologia tem feito immensos progressos..... sobre hereditariedade e adaptação funcções de desenvolvimento que explicam as mudanças de formas... ;

ao passo que a physiologia contemporanea se tem encerrado num campo tão restricto que não se tem preocupado de nenhum modo com a hereditariedade e adaptação. Os physiologistas se tem occupado tão pouco das funcções do desenvolvimento como do desenvolvimento das funcções (Anthropogenie cit. pg. 12) Muito limitados nas suas pretensões elles se têm applicado á estudar minuciosamente certos grupos de funcções, por ex. a physiologia dos orgams dos sentidos, do movimento muscular, da circulação etc sem de nenhum modo se preocupar com as funcções chorologicas, e oecologicas, as funcções de desenvolvimento, hereditariedade e adaptação e as funcções de crescimento, conjugação, differenciação e retrogradação (Id. pg. 111). O primeiro papel do physiologista do futuro será dedicar-se ao estudo do desenvolvimento das funcções com tanto ardor e zelo quanto a morphogenia dedicou-se ao estudo do desenvolvimento das formas (Id. pg. 12). »

Vê-se que Hœckel considera ahi a Morphogenia, sciencia da evolução das formas, infelizmente sem distinguir da Morphologia (precisamente) sciencias das variedades de formas actuaes ; e reconhece na Physiologia actual uma sciencia das variedades de funcções (comparada) e em muitos pontos ainda simples sciencia de funcção (Physiologia descriptiva) lastimando-o e fazendo votos para que appareça a Physiogenia, sciencia da evolução das funcções.

No mesmo conceito elle continúa sobre a anatomia comparada : « Seu papel consiste em comparar nos diversos grupos zoologicos as formas animaes desenvolvidas, em descobrir as leis geraes organicas que têm presidido á sua formação e em determinar o parentesco dos grupos (Id. pag. 145) ; ver a differença das formas orga-

nicas pela adaptação e sua analogia pela hereditariedade, além disto achar os graus de consanguinidade nos graus de parentesco morphologico : — e levantar a arvore genealogica do reino animal.... ligada á taxinomia organica que prosegue o mesmo fim por outros meios (Id. pg. 145) »

Mas ha um ponto em que Hœckel reforça mais a sua confusão, parecendo fazer della um principio scientifico, é o character especial da embryologia. Depois de em termos geraes distinguir a embryologia da embryogenia, elle considera muitas vezes a embryologia mesmo como embryogenia, e ambas como sciencias de evolução, a evolução do individuo, em opposição á phylogenia que é então a sciencia da evolução do grupo, partes ambas da evolução da vida, a biogenia. Perdoe-me Hœckel: mas insisto nisto porque evoquei sua grande opinião em favor de minhas ideias.

Nas minhas cogitações sobre a classificação das sciencias que aqui apresentei, não obstante limitar-me quasi a colher os fructos da ceara de Spencer sobre o terreno lavrado por Conte, encontrei difficuldades ; e as maiores foram os caracteres da embryologia e da geologia.

A primeira foi originada do character evolutivo da embryologia no conceito excentrico de Hœckel e a segunda do character constitutivo da geologia no conceito antiquado de Cuvier.

Decidi-me em geologia pelo conceito revolucionario de Lyell porque a evolução evidencia-se na *serieção* das camadas geologicas como evidencia-se na *serieção* dos estados cosmicos. Depois a terra é um elemento cosmico, uma unidade dessa quantidade universal. Ora um dos caracteres dessa quantidade é a *evolubidade*. Logo esta é um dos caracteres da terra ; e a sciencia em que elle é estudado é a geologia. E' verdade que outro character cosmico é a *constituibilidade*,

que á primeira vista parece estender-se á terra ; mas não é assim. A constituibilidade cosmica realisa-se já entre seus elementos, um dos quaes é a terra, que assim entra nella já evoluida, no estado em que acha-se em qualquer momento de sua evolução. Não é dessas relações cosmicas da terra que occupa-se a geologia.

Mas não me pude decidir pelo conceito ex-centricico de Hœckel. E' verdade que ha desenvolvimento dos estados embryonarios semelhante ao desenvolvimento dos estados phylogenicos ; mas este desenvolvimento embryonario não é a unidade do desenvolvimento phylogenco, como o desenvolvimento terreno é a unidade do desenvolvimento cosmico.

A unidade da phylogenia (evolução vital) será o desenvolvimento da especie, e pelo menos o desenvolvimento do individuo completo e não de um só dos seus estados, o embryonario. A sciencia que estuda a evolução do individuo não tem aqui um corpo distincto como tem a geologia em relação á evolução cosmica, é a mesma phylogenia. A embryologia no conceito de Hœckel seria evolutiva por caracter proprio e não por participação do caracter duma sciencia geral, a phylogenia. Finalmente o que a embryologia estuda é a formação do primeiro estado do individuo, a geração que é uma funcção da vida, e depois o desenvolvimento dum segundo estado, o crescimento embryonario que prende-se ao primeiro fazendo parte da funcção da geração e continua depois que deste separa-se no individuo gerado até elle attingir o seu desenvolvimento pleno e depois ainda não desaparece tomando apenas uma feição inversa, regressiva, a do decrescimento. Isto não é evolução, que é desenvolvimento continuo com progresso e differenciação continuas no conceito do proprio Hœckel.

Estas sciencias porem são exclusivas á vida ou comprehensivas tambem do espirito? Por outra a psychologia faz parte da biologia?

Não se pense que venho aqui augmentar o numero desses cavalleiros que na pictoresca expressão de Huxley luctam desde seculos por escudos, cujas côres nunca viram, o materialismo e o espiritualismo. Meu ponto de vista é outro.

Além dos conceitos absolutistas do espirito, peculiares a esses dois systemas philosophicos, ha o systema relativista a que filio-me; e cujos direitos, venho aqui, nos limites d'um artigo de revista e de uma discussão preliminar, defender.

Varia a solução com os conceitos da vida e do espirito que dependem da orientação philosophica do pensador.

A vida num conceito empirico, comprehende o individuo vivente em sua totalidade, portanto o espirito; mas n'um conceito racional é a potencia material de organisar-se em cellula, tecido, systema, organ, aparelho, organismo emfim, com suas funcções de organisabilidade, nutribilidade, *crescibilidade*, reproductividade, motilidade, hereditariedade e variabilidade, não comprehende o espirito. Não faltam auctoridades que subscrevam um e outro desses conceitos; mas não têm o mesmo valor philosophico. O primeiro conceito é puramente empirico, producto immediato das impressões sensoriaes ou uma concepção erronea da razão. O segundo conceito, sim, é racional, producto da experiencia discutida pela intelligencia.

O conceito empirico da vida arrasta consigo um conceito empirico do espirito, uma parte da substancia vivente, isto é, da structura, a nervosa e da funcção, a dos nervos, ao passo que o conceito racional da vida, deixa o campo franco para um conceito racional do espirito, a potencia mys-

teriosa da consciencia, isto é, da sensibilidade, da intelligencia e da vontade. Infelizmente o mysterio, a nossa ignorancia da natureza do espirito, é perturbado pelas suggestões ainda mais mysteriosas da immaterialidade do espirito, feitas pelo espiritualismo.

O espiritualismo, que practicamente é o melhor desses systemas absolutistas porque nobilita o homem elevando-o a participacão de uma particula divina e conforta-o dando a esperanca n'uma immortalidade compensadora das miserias, decepcões, e soffrimentos terrenos e reatadora das affeicões tão profundas quam imprevisitamente roubadas pela morte, theoreticamente é o mais erroneo porque é uma concepção exorbitante das raias da mentalidade humana, pelo menos da mentalidade aferida pelos criterios da experiencia e da razão.

O materialismo, que practicamente não tem as vantagens do seu competidor, e é mesmo arguido de conduzir ao materialismo moral, isto é, á dissoluçãõ moral, á desorganisaçãõ da sociedade portanto em suas bases actuaes, honestidade e altruismo, theoreticamente apresenta-se a semelhança desses selvagens que ataviam-se para intimidar o inimigo, arregimentado pela physiologia, entrincheirado na anatomia, armado da theoria das localisações cerebraes, tendo o corpo *tatuado* de experiencia e emplumado de razão ; mas é tão teleologico como o espiritualismo.

Com effeito as provas em que se funda o materialismo para identificar a vida e o espirito, não conduzem a esta identificaçãõ.

A anatomia nervosa mostra que ha tres centros nervosos distinctos e coordenados, ligados ás diversas regiões do corpo, tendo a medulla duas zonas, anterior e posterior, parecendo o cerebro tambem tel-as por prolongamento da medulla

(Meynart), tendo a medulla ligação ao sentido do tacto e o cerebro ligação aos mais sentidos (1).

Mas isto não prova que o espirito ali exista, como organ excepcional, psychico. O ponto mais importante tem passado despercebido. Levados pela continuidade cerebro-medullar, os anatomistas têm desprezado a differenciação anatomica principal do cerebro em organ geral em que começam os nervos da medulla e em organs espeziaes em que começam os nervos sensoriaes.

A physiologia nervosa chega á conclusão de tres funcções nervosas distinctas: a ganglionar, de incitações organicas e provavelmente excitações reflexas; a medullar, de excitações periphericas e de incitações locomotoras, reflexas conhecidas por cellulas e nervos distinctos (Ch. Bell e Magendie) e provavelmente de incitações e excitações organicas ou organo-periphericas (pela relação com o systema ganglionario); a cerebral de excitações sensoriaes e incitações reflexas sensoriaes (paramente cerebraes) pela disposição analoga da medulla, podendo ter mais excitações sensoriaes e incitações reflexas organicas ou locomotoras. excitações organicas ou locomotoras e incitações sensoriaes, etc. pelas suas ligações com a medulla e o systema ganglionario. Fora disto a contradicção reina entre os auctores: Muller defendendo a energia especifica dos nervos, que é geralmente repellida; Lewes apregoando a insufficiencia da cellula para a produção d'um acto componente do reflexo, quando é geralmente elle considerado como funcção da cellula; o cerebro considerado organ de actos reflexos modelados pela medulla, quando elle a

Isto mesmo é repellido por ex. por Luys que dá a medulla e ao cerebro tres regioes e contradicto pela anatomia comparada.

par da inserção da medulla recebe os nervos sensoriaes. Os nervos sensoriaes inserindo-se todos n'um ponto e sendo uns motores e outros sensitivos, ha no mesmo ponto cerebral as duas funcções sensitiva e motora. Deste modo as duas regiões de Meynart pelo prolongamento medullar são ao mesmo tempo uma só região pela funcção directa do cerebro.

A pathologia nervosa chega á conclusão de perturbações das funcções ganglionar, medullar e cerebral, mais ou menos relacionadas pelas ligações dos centros nervosos.

Ha porém uma ligação completa entre as perturbações do espirito e as perturbações do systema nervoso?

Ha molestias do organismo e dos nervos, sem perturbações do espirito; ha perturbações do espirito sem molestias do organismo e dos nervos; ha perturbações do espirito com molestias de ambos. E' Maudsley que escreve:

« Actualmente não sabemos absolutamente nada da constituição mollecular intima do elemento nervoso e do modo de sua actividade funcional; e é fora de duvida que modificações molleculares e chemicas importantes passam-se nestes *recessus* profundos, inaccessiveis a nossos sentidos. A' *cellulas* nervosas são pequenos laboratorios chemicos onde elaboram-se.... não só os *processus* chemicos mais importantes como tambem os *processus* vitaes.... Mas se nenhuma pessoa sensata tem a pretensão de dar uma theoria physico-chimica dos sentimentos d'um apaixonado, da imaginação d'um philosopho, do delirio d'um monomaniaco, não é menos insustentavel chegar á conclusão que estes phenomenos mentaes são independentes de toda a influencia physica » (La Pathologie de l'Esprit. Trad. Germont Paris, 1883 pgs. 518 e 525.

Decididamente o mysterio deste espirito material de Maudsley é equivalente ao do espirito immaterial dos spiritualistas.

A localisação das funcções cerebraes ainda está mais indefinida e vaga.

O austriaco Munck chega a conclusões contrarias ás do inglez Ferrier. Os francezes seguem um rumo differente dos inglezes e allemães, como é exemplo Luys.

A meu ver pouco adiantaram sobre as theorias de Husckhe e Carus que dividiram o cerebro em tres regiões correspondentes ás tres faculdades classicas do espirito. O progresso fez-se apenas em Munck distinguindo os centros em corticaes e psychicos; mas esta distincção é negativa, antes que affirmativa, da theoria das localisações cerebraes, porque ao passo que restringe o centro psychico alarga o cortical, mostrando assim que o instrumento sensorial é manejado por uma potencia extranha na região cerebral.

Depois, as sabias investigações de Munck limitam a theoria das localisações aos phenomenos sensoriaes, reflexos, cerebraes e medullares que são condições do espirito e não seus elementos.

Examinadas as provas negativas do espirito relativo, phenomenal distincto da vida, vejamos as suas provas positivas.

O espirito distingue-se da vida pelo methodo do seu estudo, porque a vida é conhecida pela exeperiencia e razão, emquanto o espirito é conhecido pela consciencia, este phenomeno psychico que á par do character de concommittante dos phenomenos psychicos tem o character de sentido intimo ou melhor de observação interna. O materialismo impugna isto. Conte bateu o methodo subjectivo e Maudsley, Lange, etc repe-

tem-no. Os proprios psychologos actuaes, dominados pelos elementos physiologicos, reputam o methodo objectivo principal e o subjectivo mero auxiliar, como Horwics. Para mim ha erros nos primeiros e exagero nos segundos. O phenomeno psychico só é conhecido directamente pela consciencia. Como o phenomeno psychico manifesta-se-nos por phenomenos physiologicos de motricidade e impressionabilidade, nós inferimos da presença destes a existencia dos primeiros ; mas só isto faz o methodo objectivo, medindo a duração da distancia das manifestações physiologicas, iniciaes e finaes do phenomeno psychologico, determinando as relações dos primeiros com os segundos etc. O que são estes phenomenos, como se relacionam entre si, só a consciencia o diz. O materialismo annullando-a ignora o que é o espirito.

Mas não fica n'isto. O espirito destingue-se da vida e é-lhe irreductivel pelos seus caracteres, que pensamos ser expontaneidade e liberdade, ao passo que os da vida, são mechanicismo e fatalidade, não obstante Hartmann fazer da expontaneidade da vida a alma ( deixem-me dizer ) de sua theoria do inconsciente e Chauffard sem estas nebulosidades admittil-a. Concedemos isto para, proseguir porque só entre os phenomenos cosmicos ha mechanicismo. Entre os phenomenos vitaes ha correlações e não transformações de forças. Entre os phenomenos cosmicos e os vitaes como entre estes e os psychicos, tambem parece, não ha transformações de forças, mechanicismo, ha condições, dados como chama Spencer.

O phenomeno vital manifesta-se-nos como uma propriedade irreductivel na propriedade do phenomeno cosmico, isto é, como distincto, independente em suas origens. Depois em sua evolução elle apresenta-se como o resultado de dois

factores, a hereditariedade e a variabilidade. A hereditariedade é a propria vida impondo-se ao meio. A variabilidade é ainda a vida submettendo-se ao meio, no conceito de Hæckel. O meio entra ahi como o agente das mudanças da variabilidade, como factor concorrente com a vida (hereditariedade). Mas haverá ahi uma transformação de forças? Se é a vida que se submete ao meio, que muda pelas suas imposições, que varia, não ha essa transformação de forças. O que ha é desdobramento da força vital pelas condições cosmicas, acções das forças sobre a materia organica e reacções da materia organica sobre as forças, como diz Spencer.

A espontaneidade caracteriza a sensibilidade, onde manifesta-se pelo effeito da variabilidade, ainda mais a intelligencia onde é reconhecida por uma inferencia e principalmente a vontade onde é affirmada pela consciencia como liberdade.

A sensibilidade é uma potência psychica de phenomenos complexos, sensiveis, intellectuaes, evolutivos, cujos caracteres são os dos seus phenomenos elementares; mas tem tambem assim phenomenos elementares proprios que acham-se isolados nos estados de bem ou mal estar do organismo, sensações organicas a que Huxley chama diffusas ou subjectivas.

Chame-se sentimento como Horwics ou sensação como os mais psychologos, considere-se facto psychico fundamental como Horwics ou considere-se elemento das sensações como os mais psychologos, este phenomeno é psychico por que é caracterisado pela consciencia. Bem fizeram Aristoteles, Kant, Horwics consideral-o reacção d'alma, e Wundt complemento subjectivo das sensações..... objectivas. Sua essencia, se é permittido cogitar disto, é a consciencia e não um contraste (Streedenroth), uma mudança (Herbart),

uma privação ( Schopenhauer ), um proveito ( Wolf ), um elemento de conservação propria ( Horwics ), que podem ser apenas condições vitaes do phenomeno psychico.

E' por isto, é por ser psychico, espontaneo, que elle varia com as especies vitaes e dentro da especie humana com as raças, povos, sexos, edades, profissões, temperamentos, estado de saúde, de emoção, etc. Ninguém ignora que ha animaes muito mais sensiveis que outros, que as mulheres são mais que os homens, as crianças mais que os adultos, os nervosos mais que os lymphaticos, o homem de trabalho intellectual mais que o de trabalho muscular, o doente mais que o sadio, o emocionado mais que o calmo, nos limites de sua capacidade sensitiva, porque ha sentimentos inacessiveis a animaes, a mulheres, a crianças, a operarios, a doentes, a individuos já emocionados.

Sei que isto não é levado em conta pelos materialistas e até alguns espiritalistas acossados pelos adversarios têm deixado o phenomeno sensivel á esphera da vida. Tem-se querido ver até nos vegetaes modificaveis ao contacto, á temperatura, etc. a funcção da sensibilidade. Esquecem todos que o phenomeno só é affirmado na sua natureza pela consciencia, que apenas é ligado por esta a condições vitaes ou cosmo-vitaes e que objectivamente só estas condições são conhecidas.

A intelligencia é a potencia psychica de produzir e conservar ou restaurar phenomenos cognitivos : d'ahi dois aspectos, a intelligencia productiva e a memoria.

A intelligencia ( productiva ) produz os phenomenos cognitivos por meio da observação e da razão : donde ainda dois aspectos, o perceptivo e o conceptivo.

A espontaneidade é menor na percepção, maior na razão, insignificante na memoria.

A percepção tem tres momentos, o sensorial, o nervoso, e o cerebral : o ultimo momento é o de sua producção sendo os mais apenas suas condições physiologicas. Os dois ultimos são phenomenos vitaes, onde costuma-se ver transformação de forças ; mas o ultimo, o psychico, é espontaneo no espirito.

O phenomeno sensorial desde a theoria physiologica de J. Müller é considerado mechanicamente, physico e chimico. Mechanico é o abalo das fibras de Corti (ou membrana *basilaris*) ; physicas são as impressões das camadas da retina, dos corpusculos de Paccini, de Meisner e de Krause (do tacto) ; chimicas são as modificações das cellulas olfactivas das muçosas do nariz e das cellulas caliciformes, fungiformes e filiformes do gosto. A cousa não está bem estabelecida. Wundt considera o sentido da vista chimico, e a descoberta da purpura retiniana parece justificar a sua opinião, já fundada nas tres especies de fibrillas nervosas excitaveis ao verde, vermelho e violeta (Young e Helmholtz.)

O segundo momento da sensação consiste na transmissão do primeiro phenomeno ao cerebro. E' considerado tambem mechanicamente, propagação de ondulação molecular ou cousa que o valha.

A cousa tambem ainda não está bem estabelecida. J. Müller quer energia especifica dos nervos e os physiologistas actuaes querem indifferença dos nervos com differença dos orgams sensoriaes e dos centros nervosos.

Como quer que seja, estes primeiros momentos da percepção são puramente physiologicos, funcções dos orgams dos sentidos.

Isto não quer dizer que elles sejam cosmologicos (mechanicos). Retirada a pelle de cima dos

corpúsculos do tacto, a impressão de um agente qualquer traz phenomenos exclusivos de dor ; e o mesmo resulta do contacto directo da fibrilla nervosa dos outros sentidos com os seus agentes. O phenomeno physiologico é vital, excepcional aos phenomenos cosmicos, por elles acondicionado e não vindo de suas transformações.

No terceiro momento da percepção, o cerebral, ha espontaneidade psychica.

Ou se entenda com os inglezes que o raciocinio é uma associação de juizos, o juizo uma associação de ideias, a ideia uma associação de sensações, a sensação uma associação de impressões dos sentidos, ou se entenda com os allemães que a sensação é um raciocinio de premissas inconscientes ( impressão ) e conclusão consciente ( Helmholtz ), o juizo um raciocinio de sensações conscientes ou inconscientes e conclusão consciente, a ideia um raciocinio de juizos conscientes e conclusão consciente, isto é, que cada forma superior do espirito é um raciocinio onde são premissas as formas inferiores, devido á actividade psychica, não obstante os materiaes serem impressões devidas á actividade biologica dos nervos do *sensorium* ( Wundt ), a verdade é que as impressões d'um ou mais sentidos são fundidas pelo espirito em sensação, etc. O phenomeno psychico é uma producção da potencia associativa ou raciocinativa do espirito, interpretada assim a theoria ingleza da associação pela theoria allemã do raciocinio, eliminada a interpretação materialista de Hartley, attenuada pela theoria do incognoscivel de Spencer e do parallelismo bio-psychico de Bain. Esta theoria nasceu dos esforços da theoria das localisações tactis e visuaes por signaes locais e movimentos ( dos psychologos allemães ).

« Ella estabeleceu que cada elemento sensivel

da pelle ou da retina dá um elemento sensacional que a actividade propria do espirito reúne em uma sensação. Produzio a verdadeira origem da noção do espaço mal discutida pelos psychologos inglezes, permittiu a Helmholtz distinguir a sensação da inferencia que acompanha — a ( percepção ). » ( Ribot — Spsychologie Allemã. )

Helmholtz mostrou que o som tem altura, intensidade e timbre, que dependem do numero, amplitude e formas das vibrações, cujo resultado é apurado no espirito ( Theoria Physiologica da Musica ).

A lei geral do espirito que é para os inglezes a associação, tornou-se para os allemães o raciocínio e Wundt pode afirmar que todo o factio psychico é um raciocínio, de premissas inconscientes na sensação e conscientes no juizo e na ideia ; mas de conclusão consciente na sensação, no juizo e na ideia.

Não podemos ir adiante e mostrar a ordem inversa dos phenomenos psychicos nas duas escholas, ideia, juizo, raciocínio ( inglezes ); raciocínio, juizo, ideia, ( allemães ); mas para nosso fim basta isto. A sensação é uma fusão dos materiaes dos sentidos e nervos, pela actividade propria do espirito. A percepção é uma inferencia do objecto causador da sensação, feita ainda pela actividade do espirito.

A espontaneidade cresce na razão, isto é, na elaboração da ideia, juizo e raciocínio abstractos, feitos depois que a observação passou, pelo espirito, com os materiaes accumulados pela mesma observação. Aqui a potencia de conhecer age sem os dois momentos vitaes da impressão sensorial e de sua transmissão, unicamente pela espontaneidade do espirito.

A razão é rebaixada pelo materialismo á observação ; e os espiritualistas foram a causa com

os seus exageros d'uma razão absoluta, que foi criticada por Kant e reduzida a duas potencias, uma theorica e outra practica. E' tempo de banir estes exageros e subtilezas ; tambem de reconhecer, que alem da força de observar, isto é, de perceber, julgar do que se percebe e raciocinar sobre a percepção e o juizo, ha o poder de conceber sem a presença dos phenomenos, de julgar do que se concebe e de raciocinar assim : dois aspectos do mesmo phenomeno differenciado pela presença ou ausencia dos phenomenos cognitivos. As chamadas formas de razão que os idealistas ( Descartes etc. ) estabeleceram e os realistas ( Locke etc. ) bateram e que Spencer julga consistir na hereditariedade psychica, são formas da intelligencia, experiencia e razão. O caracter differenciador destas é o que dissemos.

Na ausencia dos phenomenos, quando o espirito compara os materiaes de sua experiencia, buscando-lhes as relações, com proposito firme de descobri-las, com a constancia de quem envelhece na sua missão, que influencia podem ter os phenomenos sobre este espirito ? Elle não inventa, é verdade, o phenomeno estudado ; mas que maior espontaneidade que a de procural-o por toda a vida ? Depois elle descobre as relações sem o auxilio da experiencia que vem mais tarde apenas comproval-as. Kepler é um exemplo.

O materialismo procura invalidar isto oppondo : 1 ) que á actividade psychica precedem condições vitaes ; 2 ) que esta actividade é meramente vital, que *nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*. Mas isto não tem valor scientifico, desde que Helmholtz prova que a percepção é uma inferencia do espirito sobre materiaes da sensação, desde que Wundt theorisa que toda a intelligencia é uma potencia de raciocinar consciente nas suas elevações e inconsciente nas suas

bases. Só ha um meio de conciliar a espontaneidade do espirito com o mechanicismo cosmico, é cahir na parvoice de Herzen, considerar o pensamento uma secrecção cerebral. A elaboração chimica que opera-se no corpo da cellula, transforma os materiaes dos sentidos em inducções da razão ! Falta só nobilitar esta futilidade demonstrando que a analyse dessa inducção precipita a materia da experiencia e deixa em liberdade as formas da intelligencia, as leis da mentalidade humana. E' o caso de repetir ainda hoje após as invenções de Addinon, as theorias de Hœckel, as praticas de Gladstone, etc. *credo quia absurdum*.

O phenomeno subjectivo da vontade é muitas vezes livre. Liberdade, é verdade, não é para mim ausencia de causalidade que caracteriza o velho systema espiritualista do livre arbitrio, é a causalidade do phenomeno psychico conhecida pelo espirito e sua submissão consciente ao factor predominante do seu acto ; como a liberdade social não é a ausencia de normas sociaes reguladoras das relações dos individuos (arbitrarismo), é a affirmação do acto, conforme a norma social, baseada na igualdade humana e a garantia desse acto pela justiça publica. A consciencia caracteriza uma, a psychica e a limitação individual caracteriza outra, a social.

O materialismo oppõe todos os seus habeis recursos : 1) transformação de phenomenos cosmicos e vitaes em psychicos (fatalismo) ; 2) isto mesmo sendo o antecedente, a tendencia, o desejo etc. irresistiveis (determinismo).

Confundem os actos psychicos com os reflexos, por ex. reacção motora do cerebro contra uma acção excitativa, havendo ou não consciencia concomitante ; e ainda com os actos instinctivos que por força de repetição ficaram habituaes e por força de habituaes ficaram reflexos.

Esquecem os actos psychicos, nem reflexos, nem instinctivos. Eu por ex. escrevo aqui com a consciencia de poder deixar de fazel-o, mas como já comecei, reconheço a obrigação de continuar etc. Este acto é puramente psychico, completamente livre ; e é por elle ser livre que eu chamo obrigação a sua causa principal. E' da liberdade psychica que vem a obrigação juridica, que dá razão a lei, que a regula. E' dessa obrigação legal do agente livre que vem a sua responsabilidade. Acabar com a liberdade, é acabar com a obrigação, com a lei, com a responsabilidade, isto é, com as bases juridicas das sociedades actuaes. E o materialismo na lucta por tudõ isto, vae fazendo do homem a machina para quem a lei é um combustivel.

Finalmente oppoem á liberdade a regularidade social.

Novo engano. A liberdade psychica não quebra a regularidade social : 1) porque grande parte dos phenomenos psychos sociaes são actos reflexos ou instinctivos onde não ha liberdade ; 2) porque a hereditariedade vital é uma força identificadora dos individuos dentro da sua esphera de acção, na raça, no povo, na familia, de forma que os actos livres são determinados pelas mesmas causas ou encaminhados para os mesmos effeitos ; 3) porque essa regularidade não é absoluta, não se estende aos phenomenos sociaes onde os reflexos, os instinctos e os sentimentos e crenças determinados pela hereditariedade não intervêm, como são os phenomenos politicos, que são determinados pela experiencia das vantagens da liberdade ou da desgraça da submissão, pelo conforto economico e pelos ideiaes da razão. E' por isso que em historia politica nós vemos os maiores disparates : os povos submissos da Grecia e Roma romperem as algemas da submissão

e identificarem-se com os ex-senhores, no lar familiar e nas praças publicas, ao passo que os povos submissos da Edade Media apenas conseguiram na Inglaterra hobrear com os ex-senhores e no Continente separar-se e garantir-se contra elles. Cito apenas este facto porque é o principal da Europa para mim.

Em conclusão o phenomeno psychico é irreductivel, no phenomeno vital, como este é no cosmico e ainda mais irreductivel que elle porque emquanto os vitaes distinguem-se dos cosmicos por estados de consciencia distinctos, mas da mesma especie, com phenomenos exteriores por objecto, os psychicos têm estados de consciencia cujos objectos são os mesmos estados de consciencia.

A transformação de forças physio-psychicas é uma chimera. Mantegazza por ex. procurando-a depara-se geralmente com phenomenos *psycho-psychicos* ou *physio-physicos*. Entretanto é natural que os phenomenos psychicos estejam em relação com os vitaes, porque a vida é condição do espirito, como é natural que os vitaes estejam em relação com os cosmicos, porque o *cosmos* é condição da vida. Mas querer como Maudsley estabelecer uma theoria de equivalencia de forças, determinando que como « um equivalente de forças chimicas corresponde a muitos de força physica um equivalente de força vital, corresponde á muitos de força chimica, em seguida o tecido nervoso contém energias equivalentes ás dos outros tecidos, o espirito pode ser considerado como uma exaltação e uma concentração de forças e o elemento nervoso deve á natureza o que o homem de genio deve a humanidade etc.» (*Physiology of Mind*, pg. 139), é tão imaginario como pesquisar a séde d'alma com Descartes, Pinel, Flourens, etc.

Em verdade não é o espirito o unico mysterio

da natureza ; mas é o mysterio maior. O sabio Du Bois Reymond, em um discurso que tem dado que fazer a Hœckel reduziu-os a cinco. Nós cremos que os ha em maior numero : tudo que é essencia, origem e destino ou fim. O *cosmos* por ex. é mysterioso em todos esses pontos de vista. A eternidade da materia e da força que o materialismo apresenta como solução da origem e do fim, está tão fora das raias da nossa intelligencia, quanto a solução do theologismo, o creaccionismo. A immensidade e o atomo que as proprias sciencias apresentam como soluções da extensão, estão na mesma linha de exorbitação intellectual : a intelligencia não pode comprehender a immensidade, e a materia que tem por propriedade a divisibilidade não pode chegar a um ponto em que a perca. Mas ha além deste um mysterio maior, a natureza da materia : conjuncto de monadas sem extensão (para Leibnitz), conjuncto de atomos solidos que agem entre si por forças attractivas e repulsivas (para Newton), centros de força, pontos sem dimensões (para Boscowich) etc. etc.

Mas o espirito é um mysterio superior porque enquanto o *cosmos* e a vida apresentam-se-nos como substancias; materia e força, organismo e função, perceptíveis pela experiencia, isto é, visíveis, *audíveis, tactaveis, odoraveis, saboreaveis*, o espirito apresenta-se-nos como uma pura inferencia nos outros, e como uma affirmação da consciencia, isto é, do proprio espirito mysterioso, em nós. Sentimos, conhecemos, queremos e chamamos á estes factos ligados no tempo e no espaço, nosso espirito ; e quando percebemos nos outros phenomenos analogos aos que em nós trazem estes, concluimos que elles têm espirito, que a mesma causa produz os mesmos effeitos ; e nada mais sabemos do nosso espirito nem do

alheio em relação á sua natureza. Assim emquanto o cosmos e a vida são mysterios em relação a sua origem, fim, extensão, essencia, o espirito é mysterio em relação á tudo, isto é, á sua propria natureza, materia ou não, cerebro ou alma

Mas, vae longa a digressão e entremos em materia.

Haverão uma morphologia e uma physiologia sociaes, em seguida uma anatomia e uma embryologia, depois uma histologia, uma organologia ?

As sciencias vitaes vieram da constituição vital, structura e função, no individuo em formação ou já formado etc. Ora, em sociedade não ha essa constituição, não ha structura e sua função, etc. ; logo não ha essas divisões da sciencia social.

E' verdade que ha em sociedade grupos sociaes, familia, associação, povo e Estado, e relações sociaes, direito, moral, esthetica, etc. ; mas esses grupos são de relações, nellas resolvem-se. Fora dellas só existem as condições sociaes dessas relações, os individuos viventes, as situações cosmicas, etc. Os grupos de relações differem entre si pelo numero das relações agrupadas que variam, direito no Estado, direito moral, etc. na familia. economia nas associações economicas, todas ellas no povo, etc.; e ainda pelo numero de individuos, condições ou sujeitos das relações, pequeno numero na familia, consideravel no Estado, geral no povo, etc. Não ha ahi structura e função.

Não tendo a sociedade morphologia, não tem anatomia e embryologia, em seguida histologia, organologia, etc.

A meu ver ha só uma analogia entre a vida e a sociedade, que é puramente methodologica. Assim como comparam-se vidas no espaço (methodos artificial e experimental), comparam-se

sociedades no espaço. Mas esta analogia é muito estreita. Na vida a comparação passou logo do methodo artificial ao experimental, das analogias ás homologias ; emquanto na sociedade a comparação é puramente artificial, analogica, desde que não ha ahi correspondencias de structures e funções porque não ha um e outro desses phenomenos. Peior ainda é a cousa. Na vida a comparação desdobrou-se em experimental e genetica, em homologia e filiação ; emquanto na sociedade não ha methodo genético porque não ha geração. Identidade, persistencia no tempo não é geração.

Por uma especie de compensação universal, que é no *cosmos* equilibrio, na vida correlação, do *cosmos* á vida circulação (Molleschott) etc. houve a reciproca nas mais sciencias.

A imaginação humana parece-nos uma stereotypação universal. Qualquer que seja a materia sobre que effectua-se essa exorbitação intellectual, a causa é uma producção de imagens falsas na mentalidade humana. Essas imagens são representações ideiases, fixas, absorventes, de qualquer especie dos seres universaes, *cosmos*, vida, espirito e sociedade.

Emquanto os sociologistas veem na sociedade figuras cosmicas, vitaes, psychicas e sociaes, os cosmologistas veem no *cosmos* figuras vitaes, psychicas e sociaes, os biologistas veem na vida figuras cosmicas, psychicas e sociaes e quicá os psychologistas veem no espirito figuras cosmicas, vitaes e sociaes.

Tanto procedem as sciencias vitaes da sociedade, como as sciencias sociaes do *cosmos* e da vida.

Desde que Schleiden e Schwan descobriram as cellulas animaes e vegetaes, que a materia celular desdobra-se. Wirchow por ex. descobriu-nas formações morbidas do organismo. Outros

encarregaram-se de explicar todos os phenomenos vitaes pela *cooperação celular*, como Hœckel fez no espirito (função nervosa), a semelhança da cooperação social.

Mas o mais interessante é a sociedade cosmica. O atomo que Leucippo descobriu, e Democrito caracterizou, Leibnitz, e Gassendi vivificaram, foi espiritualizado por Schopenhauer que deu-lhe vontade, Hartmann que deu-lhe consciencia, Noiré que deu-lhe sentimento, e sociabilizado por Hœckel que acabou de espiritualisal-o dando-lhe conhecimento, sentimento e vontade e coherentemente deu-lhe vida social. A gravitação tornou-se amor, e suas especies reduziram-se ás especies do amor. O amor sexual determinou a gravitação chimica (coesão): ha atomos apaixonados que conjugam-se violentamente, em corpos solidos; ha outros indifferentes que justapõem-se apenas, nos liquidos; e ha outros ainda que repellem-se, nos gazes. O amor social determinou a gravitação mechanica (atração): esses atomos formam povos (nebulosas), que emigram (planetas) e reemigram (satelites) etc. Talvez o amor proprio determine a gravitação physica (forças physicas): uma das suas manifestações, o calor talvez seja o resultado do movimento economico; outra, a electricidade, talvez seja o do movimento religioso, etc. Nessas immensas sociedades dos pigmeus atomicos, enormes são as revoluções que concentram nebulosas, fragmentam sóes, abatem continentes, revolvem superficies de mares, juncto das quaes as grandes revoluções dos gigantes humanos são tempestades em copos dagua.

A sciencia de constituição social e suas leis, como a dos factores e leis de causalidade e a de evolução e suas leis, não tem nome especial; e até o conjuncto dellas ainda não está denominado

porque o termo sociologia é geralmente repellido pela sua etymologia hybrida, greco-romana.

O que é especial aqui é a diversidade dos conceitos da sciencia social.

Para os idealistas só ha a sciencia de constituição. A dos factores é talvez uma parte da psychologia da intelligencia ; e a de evolução, uma cousa em formação indefinida e vaga, o desenvolvimento ou progresso social, mal caracterisado, meio psychico e meio social.

Para os historicistas a sciencia social é meramente historica. Factor, constituição, evolução, estão ahi fundidos num amalgama confuso e incomprehensivel. A historia é factor e é producto ; o seu momento actual é de constituição social ; o seu momento potencial, futuro, é de desenvolvimento.

Para os naturalistas a sciencia social é de factores e de evolução. Ahi a theoria é lucida ; mas a constituição pula fora. Tudo que é producto é instavel, evolutivo. A constituição é um momento qualquer da evolução transitoria, sem leis, cujo estudo só faz perder tempo e satisfazer a curiosidade, pela fatalidade da evolução, da acção indebellavel dos factores, da temporariedade do estado evolutivo, nas transformações constantes do conjuncto.

De modo que para sermos logicos, deveriamos eliminar aqui, os contingentes scientificos trasidos pelas duas escholas historicista e naturalista.

A causa dessas mutilações da sciencia social é o predominio da feição evolutiva em alguns phenomenos sociaes. Não veem os historicistas e naturalistas que ha outros phenomenos sociaes onde a feição constitutiva è predominante.

A linguagem por ex. tem predominio evolutivo, e tão evolutivo que a sua principal sciencia,

a Linguística, não tem escola idealista. Supoz-se ao começo que as linguas eram congenitas ás raças etc., mas o estudo do arabe, chaldeu, e syriaco pelo christianismo para as propagandas, trouxe a ideia da familia linguística. Leitnitz bateu a primitividade deixada ao hebraico. O poeta Sehlegel descobriu a afinidade entre o sanskritto, o persa, o grego, o latim etc. Bopp iniciou em 1828 e acabou em 1852 a sua grammatica comparada das linguas indoeuropeas. Humboldt, Pott, Grimm, Rask, Burnouf alargaram etc.

A linguagem é um phenomeno que se transforma continuamente. Duas ou tres linguas primitivas talvez produziram por transformações successivas cerca de tres mil linguas actualmente conhecidas. As suas transformações são inteiramente naturaes, independentes e inacessiveis á acção da vontade humana. A prova é que o elemento regularizador dessas transformações é o popular, por ser instinctivo e mesmo inconsciente. O elemento consciente e voluntario, o erudito só perturba-lhe a marcha da evolução com excepções que por força de suas anormalidades deturpam as linguas e acabam por desapparecer. Dahi concluiu Withney a sua imaginosa vida da linguagem que Carle com menos felicidade transportou para a esphera do direito.

Assim como fora da evolução linguística deparamos apenas com regras transitorias, usuaes, assim tambem fora da evolução esthetica e religiosa, deparamos apenas com os conceitos vacillantes dos seus factores e com algumas regras de arte esthetica e de gremios religiosos, que só convêm temporariamente a um momento de suas evoluções. O que se chama ideal esthetico ou religioso desde que é estudado scientificamente despe as suas vestimentas phantasticas, devidas á influencia dos phenomenos predominantes, no

momento evolutivo e reduz-se ao amor á ordem universal e ao horror ao aniquilamento, ficando nos espiritos superiores, a admiração pela perfeição da natureza ou pelo esforço do artista e o vacuo da inaccessibilidade intellectual da origem, natureza e destino dos seres, cosmos, vida, espirito e sociedade. E' na feição evolutiva que a esthetica e a religião, como a linguagem, encerram thesouros sociaes, mostrando-nos por seus monumentos os estados evolutivos da humanidade e por seus predomínios o estado de sua intelligencia e de seus sentimentos, ao mesmo tempo que apontam-nos para o futuro a prevenção do desastrado religiosismo do passado.

Mas a economia, a moral e principalmente o direito têm predomínio constitutivo.

O direito tem predomínio constitutivo e a sua feição evolutiva, serve apenas para não nos enganarmos sobre o character transitorio das vestimentas evolutivas dos seus ideaes immutaveis.

Aqui a questão é renhida. Os idealistas desde os inicios da rasão humana na Grecia têm o dominio da questão ; e quando Grotius deu o methodo historico, que Bodin, Vico, Montesquieu, cultivaram e Sarigny, Burke, Niebhur elucidaram ; e Bacon deu o methodo naturalista que Hobbes e Conte alargaram e Spencer, Le Bon, Schœffe, Lilienfield etc. desenvolveram ; já elles tinham infiltrado hereditariamente, suas theorias no espirito humano ; e sua orientação propulsora, agitadora, revolucionaria, já tinha produzido todas as grandes conquistas politicas da humanidade, a emancipação dos Thetes e Pelates da Grecia, dos Plebei de Roma, dos Liti da Edade Media, (burgueses medievaes), dos povos constitucionaes e republicanos ; e sobre tudo dos escravos coloniaes que a unção do christianismo não conseguira rehabilitar.

Pelo menos é certa a emancipação dos escravos e dos povos republicanos ; e o triumpho do idealismo juridico aqui foi tão seguro que os historicistas e naturalistas não se atrevem á impugnar a emancipação dos escravos. subversiva das sociedades escravistas ; e se Burke atreveu-se a impugnal-o na formação da republica franceza, ainda ninguem teve a coragem de imital-o quanto a republica dos Norte-Americanos e da Suissa,

Não obstante isto a escholla historicista affirma com Savigny que o direito é um producto da historia, a expressão da consciencia social d'um povo em uma epocha determinada, que se explica e se civilisa com a explicação e civilisação do mesmo povo. O Direito é um instituto expontaneo da civilisação social, como a lingua e a religião e não um systema de principios naturaes, inalienaveis e imprescriptiveis da escholla idealista.

Felizmente um jurisconsulto de genio, que ensaiou-se em todas as eschollas e não pertenceu á nenhuma fez em pedaços o estandarte de Savigny,

Já em Linguistica estava provado que a historia não é factor, e ainda Savigny queria estabelecer que em direito ella é o unico factor.

Jhering apanhando os conceitos esparços e unindo-os, mostrou que a religião christã, os direitos romano e germano e podera ter affirmado a cultura grêga e a economia commum á esses tempos eram caracterisadas pela universalidade, que esse character differencia esses momentos sociais dos anteriores, exclusivamente nacionaes, e que portanto Savigny fazia assim retroceder a humanidade.

A escholla naturalista veio por sua vez com Spencer affirmar que o direito é um producto não já da historia mas da evolução humana, producto natural da evolução d'um povo. A sociedade é

um organismo e direito o mais elevado dos productos da sua evolução. A lei moral ou juridica não é obra da razão (idealista) nem do consenso (historicista) mas da força que impelle a sociedade á evolução : é o producto natural do caracter de um povo. Com Jhering foi um pouco adiante e affirmou que o Direito é o « organismo objectivo da liberdade humana, isto é producto da historia como a linguagem ; mas com os caracteres do producto natural, a unidade na multiplicidade, e individualidade, o crescimento etc., consequentemente com anatomia, physiologia, emryologia ; sujeito á grande lei da vida, que é a communição (recepção e assimillação), ou admissão e appropriação (acção mesologica e emprestimo) que é aqui phenomeno internacional. »

Aqui falta-nos a auctoridade do grande mestre, que no momento em que as mãos muribundas, largaram a penna elle deixava em traços luminosos, um livro em tentativa, Os Hindo-Europeus... onde se lê : « D'um só curso dagua fizeram-se muitos rios. Em logar dos aryas apparecem os europeus inteiramente differentes. Donde vem a differença ? Da Europa não. Não foi a Europa que fez o europeu, foi o europeu que fez a Europa. O arya ficou europeu, na epocha da emigração, não pela longa duração desta, mas pelas instituições que ella tinha suscitado, pelas necessidades que ella impunha ás energias dos emigrantes. Esta preparação, esta practica continua da guerra, produziu o homem predestinado á representar na Europa o segundo acto da historia universal, (trad. Meulenare pag. 5).

Mas este grande espirito oscillou sempre entre um idealismo naturalista e um naturalismo idealista onde vasava os seus immensos recursos historicistas. No Espirito do Direito Romano, ensinou-nos á considerar como factor do direito

privado o espirito, representado no seu principio da vontade subjectiva, que exteriorisa-se na tendencia para fundar o direito de despojo e nas formas originarias de aquisição, e cujo producto foi a vindicta privada; mas depois no mesmo livro elevou á altura de principios sociaes, creadores do Estado, dois phenomenos sociaes, a familia e a guerra, mais outro a religião, com acção apenas modificadora desses productos. A ideia de Jhering é verdadeira: « a familia e a organização militar são os pontos de parte da ordem politica »; a communidade é bareada sobre a união das familias e depois inffuida pela constituição milital »; e modificada « por influencia do principio religioso. »

Sua lei é verdadeira, mas foi mal formulada. Esses principios da familia, da guerra e da religião não são factores sociaes, são principios do factor social que é o espirito e a vontade subjectiva que aqui é posta em parallelo com elles representa o espirito de que é uma faculdade ou manifestação e envolve um principio, o do individualismo, anterior em sua influencia aos mais principios sociaes.

Em phrases chans isto quer dizer: o homem deve ter agido em começo por força de seus instinctos, sentimentos, e ideias de utilidade economica e sexual; depois o vinculo do parentesco deve tel-o refreado em suas actividades selvagens e illimitadas e estabelecido certa ordem social geradora de direitos reciprocos e consequentemente de liberdade; depois esta ordem deve ter crescido sob o modelo instinctivo da familia; depois a guerra deve ter impresso a esta ordem o modelo do exercito; depois a religião deve tel-a modificado, etc.

Na lucta pelo Direito Jhering, mudando de orientação, tornou-se o chefe do naturalismo dar-

winistico-juridico, dando como factor do direito a lucta pelo direito.

Na Historia dos Povos Indo-Europeus, volta como vimos a sua orientação idealista do espirito factor ; mas participa do naturalismo preexistencialista, considerando como factor concorrente com o espirito, o cosmos, a vida, o meio social.

Não achamol-o ahi em contradição porque o darwinismo é uma mesologia systematisada ou a mesologia é um darwinismo em rudimentos ; mas reconhecemos nessa oscillação de seu grande espirito uma oscillação das materias dos seus conceitos. Nem mesologia, nem darwinismo são verdadeiros. Verdadeiro é o espirito unico factor social.

O Direito é a affirmação do acto ( potencial ou actual ) conforme á egualdade humana, pelo individuo, com apoio do reconhecimento previo dessa egualdade, pelo acto de interpretação social chamado costume ou lei, e com o auxilio do reconhecimento posterior dessa egualdade pelo acto de equação do direito á lei ou costume chamado Justiça.

Elle foi apenas ensaiado durante o longo curso da humanidade nos bons dias da patriarchia aryana, das republicas democratas de Athenas e Roma, dos municipios medievaes, do constitucionalismo inglez e dos povos livres da actualidade. Mas desta restricção ainda mais limitada pela ignorancia e corrupção das auctoridades elaboradoras da lei e da justiça, concluir que o direito é meramente evolutivo, é arvorar em principio social a ignorancia e a perversidade que devem ser definidas e batidas.

Não vêm que por traz das vicissitudes historicas e evolutivas está a figura sacrosanta e veneravel da liberdade ?

Os aryas esse povo extincto de que não ha

vestígios, que um pedaço de granito ou de barro cosido não assignala, mas que foi restaurado por uma sciencia, a Linguística, e cujos institutos juridicos são por sua vez restaurados por outra sciencia, a Historia do Direito, a mais antiga das civilizações a meu ver, porque os monumentos egypciacos e babilonicos correspondem aos monumentos indianos e persicos, de emigrações posteriores, tinham organização patriarchal de modelo familiar, de vinculo parental, de relação de egualdade, do verdadeiro conceito do direito. Faltavam-lhe, é verdade, as condições para a sua plena realisação, a lei e a justiça por autoridades publicas ; mas não absolutamente, porque o costume suppre a lei e as assembléas dos adultos e moços supprem a magistratura. O direito era então a affirmação do acto conforme a egualdade humana, pelo individuo, com o apoio do costume e com o auxilio da assemblea de parentes communs, ao sujeito e a offensor do direito. E' a phase inicial do direito e da liberdade humana, As objecções de Lennan, Morgun, Spencer, não feriram o alvo, a restauração linguistico-juridica, dispersaram-se em ponderações theoricas ou analogias ethnographicas que não têm relações com os factos historicos e só têm a desvantagem de perturbar o methodo dos seus estudos. Chama-se a esta phase do direito e da liberdade pelo meio que as faz effectivas, a justiça, phase da justiça privada ou individual. E' caracterizada pela vindicta, vingança, desforço immediato do offendido ou seus parentes ou *gentiles* contra o offensor.

Parece-nos que o costume, a decisão da assemblea e a practica da vindicta, ahi estão sujeitos ao criterio da egualdade humana, resultante do vinculo parental sem as perturbações de outros sentimentos egoistas, de modo que nessa

civilisação inicial o direito foi restricto mas humano.

Entretanto não cremos que o phenomeno tenha attingido a sua perfeição. A liberdade, esse equilibrio social por limitações reciprocas no conceito de Mill, esse espirito do organismo do direito, no conceito de Jhering, precisa d'uma elaboração intellectual que ahi faltava.

As emigrações indoeuropeas transformaram essa organisação patriarchal, consequentemente esse direito e essa liberdade.

A guerra, que nos animaes é geralmente de especie á especie, por alimento d'uma pela outra e só excepcionalmente de animal á animal por falta de alimento ou femea commum, ou por instinctos de perversidade, devido ao habito das luctas, não limitou-se na humanidade á sua primeira forma e desenvolveu-se mesmo na segunda, pela mesma razão da disputa do alimento e da femea communs, e deqois pelo calculo do egoismo e quiçá instincto de ferocidade.

As emigrações indo-europeas modificaram essa organisação patriarchal pela guerreira transformando a tribu familiar em um exercito etc.

( *Continúa.* )

LAURIDDO LEÃO.